

## AO ILUSTRE FILHO DA BAHIA (\*)

Hyló Gurgel (\*\*)

É difícil definir-se o que ocorreu a cada um de nós quando a notícia do passamento do Ministro **Carlos Coqueijo Costa** nos chegou.

A reação primeira foi a de inaceitação, pois tínhamos bem nítida a sua imagem que sugería, antes de tudo, vida, presença, afirmação. São estes os traços mais incisivos que, dele, guardávamos. E a morte não é isto.

O tempo, porém, impôs o acontecimento real e triste, como algo que se situa na fluidez do Insondável e que fogia à lógica dos fatos.

Hoje se compreende por que tanto procurava ele resguardar-se fisicamente. Os que o conheciam sabem de suas constantes preocupações, sendo, reconhecida-mente, versado em doenças e remédios.

É que temia a surpresa, vivia a perscrutar o imprevisto, vendo o amanhã com suspensão.

Entenda-se, porém, que surpresa para **Coqueijo** não era a possibilidade de despojar-se do que fez ou do que tinha, mas a de interromper uma tarefa a realizar, um livro que escrevia, uma conferência a proferir, o evento, enfim, que lhe viesse tolher a disposição inexecutável de fazer, de realizar.

Parece-nos que o vaticínio do imprevisto, que tão bem lhe explica o comportamento metódico, apurou-lhe a vontade de executar. Impunha sempre muita pressa no que fazia e, não raro, fazia coisas diversas ao mesmo tempo. Era uma característica sua a luta constante contra o tempo.

Vamos ser-lhe justo, antes mesmo de marcar-lhe a imagem com traços que o identifiquem melhor, mas que apenas ajudam a compreendê-lo naquilo que é mais seu — o extraordinário dinamismo, a vontade irresistivelmente empreendedora e atuante.

E diga-se, por isso, de logo, que muito fez e realizou muito. Construiu, edificou, publicou livros, escreveu constantemente trabalhos e artigos para revistas e jornais, pronunciou conferências, mas, inegavelmente, a sua grande obra foram os numerosos amigos que espalhou por todo o País e que, hoje, o sentem. Tenho certeza de ter sido este o felto que lhe foi mais grato. Vivia muito para os amigos e demonstrava sempre visível alegria quando se encontrava entre eles. Elegendo o Clube Inglês a sua segunda casa, aqui, na Bahia, para lá acorria, quando che-

---

(\*) Lido na sessão do TRT da 5.ª Região em memória do Ministro Coqueijo Costa.

(\*\*) O autor é Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 5.ª Região, Salvador, BA.

gava, confundindo-se com todos, nas conversas, nos almoços, nas manifestações maiores de contentamento. Ali havia uma troca de informações. Ele trazia as novas de suas andanças pelo Brasil e tomava conhecimento das daqui, as de sua terra. Muitas vezes, a conversa descomprometida se encaminhava para as sérias questões do processo, que era sua quase obsessão.

Mas, aqui, na Bahia e neste Tribunal, temos razões bastantes para reverenciá-lo.

A Bahia era muito dele. Era a sua terra, por ele sempre enaltecida, chegando a cunhar uma palavra — *baianidade* — para expressar o seu amor às coisas da Bahia: o céu, o mar, as praias, o coqueiral, a gente alegre, tudo, enfim, que constitui a beleza sempre cantada, mas jamais suficientemente exaltada desta Terra que a Natureza tanto privilegiou em belezas e gente. Pois foi este o tema de nossa última conversa no Hospital, confessando-se ele envaldecido e gratificado pelo que via e presenciava dali, diariamente, em direção ao mar e ao sol que se punha.

Foram, portanto, palavras de exaltação à Bahia que, dele, ouvi na última vez em que estivemos e quando eu o imaginava, em breve, na liça dos processos e do trabalho.

Quanto a nós, particularmente, sempre considerou o TRT da 5.ª Região o seu Tribunal e, por isso, nunca se teve ausente daqui. Participava de tudo o que ocorria, interessando-se por qualquer fato que marcasse o funcionamento desta Casa.

A Justiça do Trabalho, nesta Região, muito lhe deve. Ajudou a fundá-la e a construí-la.

Acompanhou toda a evolução de seu crescimento, presidindo, inclusive, o ato mais significativo da história desta Instituição na Bahia: a transferência para as atuais instalações que se constituem em crédito de seu trabalho e de seu denodo.

Por mais de uma vez, ocupou a Presidência deste Tribunal, marcando sempre a sua presença pelo dinamismo e espírito empreendedor.

Foi neste Tribunal, que iniciou a sua carreira de Magistrado, distinguindo-se sempre por sua inteligência e acuidade, partindo daqui, em 1971, para consagrar-se nacionalmente, no TST, com seus acórdãos figurando nas principais revistas e livros especializados do País.

Para mim, foi atrás dos cancelos dos Tribunais que viveu os seus melhores momentos. Era inexcedível em captar a essência dos debates e dar-lhes a solução. E as razões desse desempenho admirável não são difíceis de serem apontadas.

Certa vez, quando falava a seu respeito disse que “o caminho normal do cultor do Direito é deter-se, em um primeiro estágio, na familiarização dos problemas filosóficos, sociológicos, econômicos, e no armar-se e fortalecer-se na estrutura da ciência jurídica.

O real era sempre vislumbrado de longe, quase sem vivenciá-lo. Isto tem sido causa de muitos equívocos. Pois com **Carlos Coqueijo Costa**, se não aconteceu o inverso, este distanciamento não houve.

Foi sempre um participante. Daí o fascínio que exerceu como Magistrado em todos aqueles que o acompanharam como estudioso e profissional. É que o trato direto com a vida nas diversas formas de sua manifestação — e é inegável a sua versatilidade —, levou-o a uma natural seleção de princípios, numa espécie de sincretismo cultural, científico e humanístico fincado na realidade social, por isso mesmo flexível bastante para filtrar as mutações ocorrentes. Os seus acórdãos, a par de seu valor científico já acentuado, guardam o traço de fidelidade com o real e os dramas são tratados em toda a sua densidade humana.

Isto é privilégio dos que vivem Intensamente.

Esta mesma característica trouxe ele para os seus livros.

Os grandes problemas do Direito, as abstrações da filosofia e das concepções, as grandes correntes do pensamento jurídico não se tornaram mais profundas preocupações suas.

As duas obras principais, de um elenco de seus doze livros, — "Direito Processual do Trabalho" e "Ação Rescisória", esta premlada, não fogem, também, a este sentido de objetividade.

Tornou-se, sem dúvida, um dos mais festejados e respeitados juristas do País na área de Direito do Trabalho, principalmente na de Direito Processual do Trabalho, não me constando que, em Processo do Trabalho, haja qualquer outro nome que se lhe equipare em produção e prestígio.

São doze obras jurídicas publicadas e inúmeros artigos divulgados em revistas especializadas, oito teses defendidas e aprovadas em Congressos de âmbito nacional; setenta e seis conferências proferidas a convite das entidades mais representativas do País; participação, como membro, em quatro Instituições mais expressivas do pensamento jurídico nacional, inclusive da Academia Brasileira de Letras Jurídicas e da Academia Nacional de Direito do Trabalho e em cinco, de natureza internacional, entre as quais a Sociedade Internacional de Direito Social e o Tribunal Administrativo da Organização dos Estados Americanos.

Pois bem, a tudo isto se acrescentem vinte (20) condecorações, constituindo um acervo admirável, para o qual concorreram a Inteligência, o amor exemplar ao trabalho e a Irresistível vocação para realizar.

Mas não foi só Magistrado e jurista.

Traço bastante significativo de sua personalidade foi, sem dúvida, a sua extrema sensibilidade; que o conduziu ao mundo das artes, onde teve presença marcante, principalmente na música.

A preferência pela música popular se explica por ser ela mais viva, por ser o discurso musical dos que falam a linguagem direta das dificuldades e da alegria do povo, dos sentimentos do homem simples.

Bastante relacionado no meio artístico, deixa amigos diletos como João Gilberto, Baden Pawel e Dorival Caymmi.

O cinema foi outro modo de expressão artística que lhe tocava vivamente.

Ninguém se esquece do Clube do Cinema, em que, ao lado de Walter da Silveira e Francisco Pithon, promovia matinais inesquecíveis às quais se seguiam debates intermináveis.

Foi a fase de ouro do cinema na Bahia, quando os sólidos conhecimentos de Walter da Silveira encontraram os parceiros ideais na organização empreendedora de Pithon e no irrequeto entusiasmo de **Coqueijo**, formando o Clube que enriquecia de arte e vibração as manhãs dos domingos, em Salvador.

Não raro, os debates no Clube repercutiam nos jornais em longos artigos de Walter e inflamados comentários de **Coqueijo**.

Tudo o que está dito até aqui dá uma visão global dos traços mais incisivos da personalidade do filho desta Terra que, agora, reverenciamos.

Mas o seu potencial humano era, no entanto, imenso.

Eu distingo, de logo, o sentimento de solidariedade que o levava a compartilhar das dificuldades e desventuras das pessoas fosse quem a ele acorresse.

Às vezes parecia até impertinente, mas a pureza de sentimento rescendia, quando se indagava a nenhuma vantagem que lhe poderia advir da insistência.

A simplicidade aliada ao seu dinamismo o levava a procedimentos admiráveis. Em muitas oportunidades, quando estava ele na Presidência do Tribunal, surpreendi-o, transportando, ele próprio, processos para as seções, quando o funcionário encarregado não estava presente, na hora.

A veemência, na discussão, e a humildade em aceitar o argumento contrário, mas convincente.

São aspectos de sua personalidade que ressaltam numa tentativa de desenhar-lhe a imagem verdadeira, sem faltar, inclusive, o informalismo da linguagem para ser fiel à sua memória.

É dentro da seqüência deste relato sincero, que acrescento, não como complemento a um quadro que esteja pronto, mas um dado essencial à compreensão de tudo que foi dito até aqui.

Acostumamo-nos, senhores, a ver **Carlos Coqueijo** junto a Aydil. Nunca conseguimos pensar em um sem o outro. É como se fossem um só, na boa e repetida figuração muito em uso nas cerimônias matrimoniais, mas, aqui, com exata e perfeita adequação e oportunidade. Foi a colaboradora destemida e incansável com quem partilhou o trabalho e a luta. Tudo o que **Coqueijo** fez tem a participação de Aydil. Isto representa um alento ao seu sofrimento e a sua dor.

Esta descrição estaria incompleta sem este depoimento imprescindível à compreensão do nosso homenageado.

Eis, aí, senhores, como vemos o filho desta Terra que, hoje, reverenciamos. As nossas palavras invocamos a sinceridade dos sentimentos dos que o conheceram.

Hoje, quando falecido, nós o vemos engrandecido pelo reconhecimento de seu mérito, pelo que fez, pelo que foi.

Se fez muito e mereceu tanto no campo das realizações materiais e intelectuais, sobe, hoje, à Galeria dos filhos ilustres desta Terra, cujas tradições e inteligência e de cultura marcam a história de seu povo.

É exatamente na dimensão dessas palavras que este TRT, em gratidão e saudade, homenageia o ilustre filho da Bahia, o Ministro **Carlos Coqueijo Costa**, cujo retrato ornamenta também a Galeria dos ex-Presidentes desta Casa, e se manifesta profundamente consternado pelo seu desaparecimento junto a Bahia, pela perda do filho importante, junto aos seus familiares pela privação de sua convivência alegre e, finalmente, junto aos seus numerosos amigos que aqui acorreram na ânsia de demonstrar-lhe a perenidade de seus sentimentos de admiração e de afeto.